

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA:
sentidos e estratégias docentes no contexto da prática****VIOLENCE AT SCHOOL:
senses and teaching strategies in context of practice**

Maria Kélia da Silva¹
Bruno Balbino Aires da Costa²

RESUMO:

Entendida como um fenômeno de múltiplas faces, com várias possibilidades de olhares e interpretações, a violência na escola tem sido fonte de inúmeras pesquisas que buscam entender as dinâmicas, as causas, os efeitos e os impactos sociais. Tomando a escola como principal palco de manifestações da violência, este trabalho tem como objetivo analisar a atuação dos professores em relação a violência nas escolas públicas da cidade de Mossoró, tomando como referência as ressignificações dos sentidos de tal fenômeno. Partimos, desse modo, da impossibilidade de uma definição a priori de violência, admitindo os sentidos negociados com a comunidade escolar do que seria violência.

PALAVRAS-CHAVE: Violência na escola; Cotidiano escolar; Estratégias docente.

ABSTRACT:

Understood as a phenomenon of many faces, with various possibilities of views and interpretations, violence in schools has been a source of numerous studies seeking to understand the dynamics, causes, effects and social impacts. Taking the school as the main stage of manifestations of violence, this study aims to analyze the performance of teachers in relation to violence in public schools in the city of Natal, with reference to the reinterpretation of the meanings of such a phenomenon. We start thus the impossibility of an a priori definition of violence, admitting the senses negotiated with the school community than it would be violence.

KEYWORDS: Violence at school; School routine; Teaching strategies.

¹ Aluna da especialização em Educação e Contemporaneidade pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Mossoró. marykellya@hotmail.com.

² Doutorando em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). bruno.aires@ifrn.edu.br.

INTRODUÇÃO

Entendida como um fenômeno de múltiplas faces, com várias possibilidades de olhares, a violência na escola tem sido fonte de inúmeras pesquisas que buscam entender sua origem e impacto social. Autores como Abramovay e Rua (2002), Debarbieux (2002) e Charlot (2002) nos ajudam a refletir sobre definições, impactos e consequências no interior da problemática da violência escolar, demonstrando sua complexidade e a importância de levarmos em consideração diferentes aspectos, tanto internos, quanto externos a escola. Considerando a escola como um dos palcos das manifestações da violência, este artigo busca analisar as ações dos professores em relação à violência em duas escolas públicas da cidade de Mossoró, evidenciando os sentidos atribuídos por eles, bem como as estratégias desenvolvidas ou não no ambiente escolar. Assim, intencionamos contribuir para as discussões em torno desta temática, compreendendo como os sentidos sobre violência se configuram, discutindo as diversas percepções de violências, muitas vezes compreendidas de formas antagônicas, fruto das negociações na escola. Partimos assim, da impossibilidade de uma definição a priori de violência, admitindo os sentidos construídos *na e com* a comunidade escolar em relação ao conceito de violência.

Para entendê-la, vamos discuti-la, à luz de Bauman (2008) que analisa o fenômeno do medo da violência na sociedade contemporânea. Bauman (2008, p. 31), destaca que conviver com o medo se tornou algo inerente ao convívio das relações modernas em uma sociedade marcada pela fragilidade dos laços sociais e o sentimento de insegurança:

Os medos são muitos e variados. Pessoas de diferentes categorias sociais, etárias e de gênero são atormentadas por seus próprios medos; [...] seja qual for a parte do planeta em que possamos ter nascido ou que tenhamos escolhido (ou sido forçados a escolher) para viver.

Abramovay e Rua (2002), apresentando a violência como um fenômeno de difícil definição, por ter um caráter heterogêneo, devendo ser considerado o sexo, a idade, o local e o status de quem fala.

Debarbieux (2002), apresentando amplas definições de violência, considerando fundamentalmente a voz das vítimas.

E por fim, Charlot (2002), vem classificar a violência em três níveis distintos: 1. Violência 2. Incivildades 3. Violência simbólica ou institucional.

Para alcançarmos os nossos objetivos, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa. Segundo Richardson (2010, p.90) esse tipo de pesquisa “busca uma compreensão minuciosa dos sentidos e características de cada situação apresentada pelos sujeitos pesquisados”. Uma compreensão que ultrapassa a visão dos olhos, “permitindo fazer uma análise teórica dos fenômenos sociais baseada no cotidiano das pessoas” (RICHARDSON, 2010, p.103). Ainda sobre pesquisa qualitativa, Minayo (2009, p. 21), reforça que esta “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Assim, a pesquisa qualitativa tem aprofundamento nas relações sociais buscando entender as subjetividades dos seres humanos expressos em determinado contexto.

Adotamos para realização desta pesquisa duas escolas³ estaduais, ambas localizadas na zona urbana de Mossoró. A escola “A” está localizada em um bairro próximo do centro da cidade de Mossoró, em uma rua que concentra um grande número de residências. A maior parte dos alunos vem de bairros vizinhos. A escola está cercada por pequenos muros, portões com

³ Para assegurar o anonimato das escolas, denominamos as mesmas de escola “A” e escola “B”.

visualização interna e externa acessível não apresentando, visivelmente, sinais de insegurança. Em cada turno existe apenas um funcionário que controla a entrada e saída na/da escola. Os portões estão sempre fechados e só abrem em horários programados.

A escola “B” fica em um bairro periférico da cidade, está rodeada por residências familiares. O ambiente conta com a presença de muros altos e gradeados por cima e objetos cortantes no alto de partes do muro, portões de designe bem fechados, dificultando a visibilidade do interior do espaço de quem está por fora e câmeras na entrada, no pátio e na quadra de esportes. No momento da pesquisa por mim realizada, a escola não tinha vigilante ou porteiro.

A escolha das escolas se deu em razão de uma delas ser considerada a mais violenta escola pertencente ao Ensino Médio⁴ e a outra, por apresentar um quadro antagônico em relação à primeira, tendo histórico de ser uma escola⁵ que não apresenta ações de violência dentro da localidade.

A produção do material empírico deu-se a partir de um roteiro de observação, com carga horária de 8 (oito) horas para cada escola nos turnos manhã e tarde. Cujos procedimentos teve como objetivo a aproximação da escola com intuito de perceber alguns sentidos construídos no espaço sobre violência e indisciplina.

Quanto ao instrumento da pesquisa, optamos por entrevistas semiestruturadas. Para Minayo (2009, p.65), a entrevista pode fornecer ao pesquisador informações secundárias e primárias de duas naturezas, respectivamente:

- a) Dizem respeito a fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis, documentos, atestados de óbitos e outros; b) informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia.

A entrevista semiestruturada é composta de perguntas abertas e fechadas, dando a oportunidade ao entrevistado de discorrer sobre o tema sem se prender à indagação formulada: “possibilitando um maior aprofundamento acerca dos aspectos mais relevantes de determinado tema” (RICHARDSON, 2010, p.104). Assim, o entrevistado pode relatar espontaneamente em meio ao diálogo, seu ponto de vista.

É válido ressaltar que as informações obtidas por meio da entrevista foram gravadas e transcritas, visando registrar a fala dos entrevistados. Substituímos os nomes dos colaboradores por nomes fictícios, com o intuito de assegurar o anonimato dos mesmos, quanto às escolas, denominamos de escola “A” e escola “B”.

A VIOLÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE

A temática violência está cada vez mais presente em debates nas instituições de ensino e na sociedade. Vista como fenômeno social, a violência passou a fazer parte do cotidiano das

⁴ Para essa afirmação, apoiamos-nos na perspectiva de técnicos da 12ª DIRED, como também da comunidade escolar.

⁵ Afirmação baseada na comunidade escolar e no depoimento de técnicos da 12ª DIRED.

peças nos últimos tempos, tornando-se naturalizada. Com seu aumento desmesurado, houve uma expansão do medo na sociedade contemporânea:

Tal sentimento é capaz de orientar comportamentos e percepções sobre o mundo diante de ameaças concretas ou não. Por conta desse medo, as pessoas vivem na era da segurança, aprisionadas em seus apartamentos, vigiados por câmeras ou isolados nas suas casas por muros altos. Dessa forma, cada vez mais os seres humanos se furtam do convívio social e, por isso, temos o grande aumento dos relacionamentos virtuais, fragilizando crescentemente os laços interpessoais. Porém, quanto mais nos protegemos, mais propulsionamos o medo, sentimos mais medo, como num ciclo vicioso (RODRIGUES, 2013, p. 36).

A busca pela segurança social vem gerando a (in)segurança pessoal. Sem uma garantia razoável de segurança, a sociedade contemporânea busca formas de se resguardar dos perigos e das ameaças, mesmo acometidos pelo sentimento de impotência “a vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos” (BAUMAN, 2008, p. 15). Furtar-se do convívio social não resolve o problema da sociedade moderna, uma vez que, a violência segue de forma incontestável as transformações e os avanços da globalização e da tecnologia, acarretando novos comportamentos violentos, por meio da internet, como os chamados crimes virtuais que podem atingir milhares de pessoas sem que seja necessário sair de casa.

O fato é que os jornais e noticiários contribuem com o aumento desse efeito de medo nas sociedades da era moderna. As ondas de assassinatos, agressões físicas, psicológicas, acidentes, guerras de gangues, violência sexual, ganham sempre as primeiras páginas ou são chamadas de aberturas nos telejornais sem restrições nenhuma em horário nobre. Assim, a violência ocupa o dia a dia da sociedade contemporânea tornando-se naturalizada:

A sentença segundo a qual “já não há objetos horrendos para quem os vê todos os dias”, é tão medonha quanto o seu contrário, pois o convívio orgânico e cotidiano com o medo e violência acaba se tornando normal quando não natural. No extremo, essa situação concorre para a banalização do mal e, conseqüentemente, a sua normatização no mundo da vida da vida cotidiana (ROCHA, 2008, p. 192).

Ainda que naturalizado, o medo, continua a existir e provém do convívio dessa incapacidade de controlar a situação e dominar a natureza “não havendo mais a possibilidade do sono tranquilo sem a companhia do medo como anjo da guarda” (ROCHA, 2008, p. 212). Eis a questão, o medo é um elemento que pode de alguma forma proteger a sociedade da violência ou o medo somente aprisiona ainda mais o homem, não só em nossos apartamentos inabaláveis, mas em nossas mentes misteriosas?

O fato é que um cenário violento passou a fazer parte do nosso convívio diário, não só nas ruas ou em nossos lares, por meio da mídia, mas sua expansão chegou até a escola, que antes vista como ambiente sagrado, agora tem despertado o medo na sociedade, uma vez que, a violência ganha cada vez mais espaços expansivos ao redor da escola.

A abrangência e a diversidade desse fenômeno acompanha as transformações da sociedade perpassando pelas diversas etapas da vida escolar. Nos anos iniciais, a violência se manifesta em torno da escola, todavia o que acontece em seu interior é compreendido como

indisciplina. Nos diversos níveis de ensino, podemos perceber com certa frequência o *bullying*⁶, porém é no Ensino Médio que esse fenômeno se encontra mais visível sendo incorporada ao redor e dentro da escola tomando proporções maiores.

Escola e violência

A escola é um ambiente de grande valor social, já que lida com a produção de conhecimento e com desenvolvimento intelectual e humano dos sujeitos. Canário (2006) afirma que desde a sua fundação, a escola, tem se apresentado como uma instituição social com função de educação formal materializada por artefatos pedagógicos, políticos e econômicos construídos ao longo da história, tendo como dificuldade situações e problemas prolixos que impedem o processo de ensino-aprendizagem. Com o advento do século XX, a escola pública se expandiu e conseqüentemente surgiu novas situações de conflitos, interferindo abertamente nas relações entre os entes pertencentes ao universo escolar.

A violência está arraigada no seio da modernidade, faz parte do cotidiano da escola e seus “reflexos se fizeram sentir primeiramente encenando-se nos seus portões e, depois, adentrando-se por suas dependências” (MARRA; TOSTA, 2008, p.154). O estudo de Marília Spósito (1998), revelou que desde 1980 somente duas teses de doutorados e duas dissertações de mestrados de um total de 6.092 tiveram como objeto de estudo a violência enfrentada pelas escolas. “Somente de dez anos pra cá, empurrados pela crescente onda de violência escolar, é que pesquisadores da educação e de áreas afins voltam seus olhares para a temática da violência” (MARRA; TOSTA, 2008, p. 157).

As conjunturas de violência afetam diretamente no que acreditamos ser a identidade escolar, espaço de sociabilidade positiva, de construção de novas culturas, de resgatar valores éticos e de construção de espíritos críticos, mediados pelo diálogo, no reconhecimento e acedência da diversidade. Em meio a essas situações a aprendizagem e a qualidade de ensino ficam comprometidas tanto para alunos quanto para professores (ABRAMOVAY, 2002).

SENTIDO E SIGNIFICADO DE VIOLÊNCIA: REFLEXÕES DE AUTORES

A violência é apresentada por Abramovay e Rua (2002), como um fenômeno de difícil definição, por ter um caráter heterogêneo, deve-se considerar o sexo, a idade, o local e o status de quem fala. Neste estudo, a violência foi apresentada como:

A intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outros(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo- abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além das diversas formas de agressão sexual. Compreende-se igualmente, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 90).

⁶ *Bullying*: “comportamento cruel e intrínseco nas relações interpessoais, no qual os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de ‘brincadeiras’ que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” (FANTE, 2005, p.29).

Em pesquisa de enfoque transdisciplinar, Abromavay et al (2002), observaram os aspectos sociais, externos e internos, dificuldades na estrutura das escolas e também as afinidades interpessoais do contexto escolar de diversas instituições do país. Segundo a pesquisa, as vítimas mais frequentes são os alunos, em seguida, os professores e funcionários, tendo comumente a violência física, seguida da violência contra a propriedade e, por fim, a violência verbal, chegando a ser despercebida em alguns momentos.

Debarbieux (2002), em vários dos seus estudos faz menção a uma ampla definição de violência, levando em consideração a voz das vítimas, podendo elas expor “incidentes múltiplos e causadores de estresse que escapam a punição quanto a agressão brutal e caótica” (p. 62). Dessa forma, o autor, chama a nossa atenção advertindo que:

É um erro fundamental, idealista e histórico crer que definir a violência, ou qualquer outro termo, por sinal, seja uma questão de se aproximar o máximo possível de um conceito absoluto de violência, de uma “ideia” de violência que faz com que a palavra e a coisa estejam para sempre adequadas. Não se trata sequer de dizer que as palavras evoluem juntamente com um “contexto” externo, que faria com que uma definição original evoluísse - que apenas a ilusão de uma permanência etimológica pode ser encontrada. O “contexto” não é exterior ao texto, [...] o contexto é “homólogo ao próprio texto a que ele se refere”, é um universo mental no qual as palavras são uma ferramenta verbal, uma categoria de pensamento, um sistema de representação, uma forma de sensibilidade: as palavras criam o contexto tanto quanto são criadas por ele (DEBARBIEUX, 2002, p. 64).

Tomando por base essa citação, podemos perceber que não existe um conceito absoluto de violência, o que nos permite levar em consideração o contexto analisado, o qual expressa os diversos interesses reconstruídos em cada ambiente. Além disso, para o autor, é possível avaliar a violência numa perspectiva repressiva e preventiva, pois se a violência é construída socialmente também pode ser desconstruída, e por isso estudos que busquem estratégias preventivas devem ter atenção privilegiada.

Para entender melhor a caracterização da violência escolar, Charlot (2002) classifica-a em três diferentes níveis:

1. Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
2. Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
3. Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga os jovens a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos (CHARLOT, 2002, p. 28).

A classificação da violência em níveis distintos, como faz Charlot, permite o escapamento da ideia singular de violência e admite o caminho plural das violências. Podemos observar que, com os três níveis de violências apresentados, há um encontro entre os estudos antigos, àqueles que discutiam a violência no âmbito das instituições, contra os alunos e/ou até contra os próprios professores, e os estudos contemporâneos, com o conceito de violência já ampliado,

incorporando as ações dos sujeitos escolares e da própria sociedade, além das contribuições subjetivistas, psicológicas, que originam termos como violência simbólica e bullying.

ESTRATÉGIAS DOCENTES FRENTE A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Na tentativa de identificar práticas docentes frente à violência no contexto da escola, procuramos captar dos sujeitos entrevistados suas ações para o enfrentamento desse fenômeno. Pedimos aos professores que discorressem a respeito da violência no seu ambiente de trabalho. E diante da situação que aflige, de maneira significativa, o espaço escolar o que o mesmo tem feito para amenizar esse causa que chega a ser universal.

O professor Tadeu “A”, posicionou-se mostrando como procura agir diante de algumas situações, mais voltadas para o *bullying* “quando a gente faz trabalho em grupo percebe que as vezes tem alunos que não gostam de fazer com outros, a gente vai tentando orientar, as vezes faz sorteio para que não aconteça que o aluno possa se sentir rejeitado, excluído pelo próprio amigo”.

Nesse caso, percebemos por meio da colocação do professor a busca de possíveis estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula pelo docente, no intuito de minimizar o afloramento da violência por meio de situações de rejeição e de desprezo entre os alunos. O professor dentro da sua prática, possui o conhecimento das advertências e busca soluções, que o mesmo considera plausível, para amenizar as desavenças entre os discente e assim, amenizar desequilíbrio nos processos de aprendizagens.

Na sequência, apresentamos o relato do professor Kaio “B”:

Bem, algumas vezes, eu particularmente, coloco pra fora da sala utilizando palavras grosseiras, mas é a forma que encontro de manter a situação sob controle. Mas reconheço que dessa forma também contribuo para a violência. Porque muitas vezes a gente não sabe porque o aluno está agindo daquela forma, desconhecemos o histórico dele e como nosso objetivo é priorizar o conteúdo, então logo marginalizamos.

Ao analisarmos o posicionamento do professor, notamos o seu reconhecimento enquanto contribuinte da violência na escola, por meio do seu ato de expulsão do aluno sem buscar saber da sua realidade diária. É natural nos depararmos com informações de situações no qual o aluno é denominado como indisciplinado, como inquieto e ou como agressivo. É mais natural ainda, nos depararmos com professores que tem como prioridade aplicar o conteúdo, esquecendo que o fator principal que rege a escola, o aluno, precisa de atenção e reconhecimento. Cabe então o professor buscar compreender essa situação antes de tomar medidas precipitadas.

Destarte, percebemos que alguns professores compactuam em ter como tática no campo da efetivação a punição dos agressores através da expulsão da sala de aula: “Bom aqui acontece muitas brigas entre alunos. E quando acontece na minha sala, mando logo para fora. Se o caso for mais sério comunico a direção para que tome as devidas precauções como conselho tutelar ou polícia mesmo” (Paulo, “A”).

Na fala do professor, percebemos a indisciplina vista como violência. No entanto, são fenômenos que destoam um do outro. Segundo Silva e Nogueira (2008, p.20),

Por serem contextuais e historicamente determinados, os padrões de disciplina podem variar entre os diferentes estabelecimentos de ensino, e até mesmo entre os diversos professores. Assim, o que é considerado como indisciplina em determinado contexto, em outro pode ser vislumbrado como agressão, violência, etc.

Dessa forma, as autoras citadas associam disciplina a determinadas concepções sociais, como por exemplo, a disciplina que recebemos na família, na religiosa, na escola, no sindicato, etc. Para cada uma dessas instituições existe uma característica própria na maneira de disciplinar e também são variáveis conforme o contexto histórico em que estão inseridas.

Uma questão levantada pelos professores faz referência ao medo de se tornar uma vítima fatal da violência manifestante dentro da escola. Esse fato certamente inibe a motivação que teriam em tentar fazer algo contra ou a favor dos atos de violência e dessa forma vão levando a vida como dá.

Nossa, aqui já aconteceu tantas situações que eu confesso que já pensei até em abandonar a profissão, porque mudar de escola só ameniza a situação, mas coisa muito pouca mesmo. Na realidade já não sei o que fazer nem como agir, somos ameaçados a todo tempo se tentamos nos 'meter' na vida deles (Carlos, "B").

O professor como agente socializador do conhecimento, deve acompanhar os novos modelos de alunos, saber os seus anseios e ter o conhecimento do que se passa em sua vida fora da escola. Abramovay (2005), considera que a escola enquanto produtora e reprodutora da violência, deve estabelecer normas de funcionamento de maneira que considere a opinião dos jovens e que atenda às suas expectativas. Por ser um lócus da juventude, a escola deve levar em consideração suas características, seus anseios e diversidades.

O professor Luan "B", se posicionou da seguinte maneira:

Na minha profissão aprendi que não adianta bater de frente com aluno, temos que ser amigos, aliados... Eu tento trabalhar com projetos que promova a paz e leva-los para alguma atividade no esporte. Ensinando e mostrando o melhor caminho, sempre por meio do diálogo.

Os jovens são indivíduos em formação e o professor mostra em sua fala que o diálogo é a melhor maneira de formar e transformar. E o contínuo trabalho com estratégias de ensino como projetos podem leva-los a caminhos de paz.

Nos reportando as ideias de Hall, acreditamos ser possível nos apropriarmos de discursos com o poder de sensibilizar os sujeitos desde a escolaridade para que ao longo dos tempos sua identidade possa ser construída e transformada significativamente de maneira a não trazer características que se transformem em violências.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada. (HALL, 2006, p. 10).

O professor José “A”, expôs o seu pensamento a respeito do tema tratado com as seguintes palavras: “Eu apenas converso, mostro a realidade do que acontece com quem faz coisas “ruins” e busco sempre estar em contato com a família, conhecer qual é a realidade daquele aluno que provoca violências”.

Percebemos assim, que a relação da família com a escola na resolução de conflitos é basilar. Para Njaine e Minayo (2003) a integração da família e a escola permite uma efetiva parceria na prevenção da violência na escola. Os professores também apontam essa integração, reconhecendo-a como um dos pontos fundamentais no combate à violência no ambiente escolar. O elo família-escola permitiria expandir o diálogo sobre o fenômeno da violência, auxiliado pela escola e família do aluno, contribuindo para diminuir as distâncias nas relações professor, aluno e família, na tentativa de reverter comportamentos agressivos de alguns alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do discurso dos entrevistados, concluímos que a busca por uma estratégia eficaz para agir com a violência na escola tem sido incessante. E apesar do fenômeno da violência aterrorizar professores, alunos e toda a comunidade escolar, na conjuntura atual existem apenas simples ações que podem fazer a diferença, e mesmo não sendo capaz de sanar a violência nas escolas, pode ao menos manter o melhor convívio entre alunos e professores. Primeiro, tentar estabelecer um bom relacionamento com os alunos. O acolhimento do jovem é importante, buscar conhecer o seu contexto de vida, dialogar com ele, ouvir os seus anseios, suas dúvidas e receios. Segundo, o trabalho com projetos pedagógicos, afim de enfrentar os diversos tipos de violência na escola. Isso faz a melhoraria do ambiente escolar e ter um ambiente acolhedor faz toda a diferença na vida de um jovem, um lugar onde ele se sinta bem e seguro. E por fim, tentar ter uma relação com a família, afim de melhorar os laços de convivência.

Os educadores deram pistas de que muitos não se sentem preparados para desenvolver estratégias de enfrentamento para a violência e mesmo assim continuam em sala de aula, levando a vida e a educação como for possível.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n.º 8, jul/dez 2002, p.432-443.

DEBARBIEUX, Eric. **Violências nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político.** In: **Violência nas escolas e políticas públicas** / organizado por Eric Debarbieux e Catherine Blaya. Brasília :UNESCO, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio da pesquisa social.** In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Org. Suely Ferreira Deslandes. 28 ed. Petrópoles, RJ:Vozes, 2009.

NJAINÉ, K.; MINAYO, M. C. S. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção.** **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.13, p.119-134, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 2010.

ROCHA, Gilmar. “Complexo de Emílio”. Da violência na escola à síndrome do medo contemporâneo. In: **A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola.** Org. Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Sandra Pereira Tosta. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

Submetido em: Agosto de 2015

Aprovado em: Setembro de 2015